

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL – DESAFIOS PARA MUMBAI

Em fevereiro de 2000 a mídia, como já fazia há alguns anos, cobria intensamente o Fórum Econômico Mundial em Davos. Parecia que a globalização só tinha um único caminho a percorrer, conduzida pelas mãos do mercado. Dizia-se que todos os problemas sociais e ambientais seriam solucionados através da livre circulação de produtos, serviços e capitais. Aqueles que protestavam não tinham propostas alternativas. Eram contra o progresso e a modernidade.

Criar o Fórum Social Mundial, um espaço de encontro da sociedade civil, a ser realizado na mesma data do Fórum Econômico Mundial, tinha para mim três grandes finalidades:

1. mostrar que podemos e devemos escolher o mundo que queremos, entre uma sociedade onde o social esteja a serviço do econômico ou o econômico a serviço do social, entre sermos cidadãos ou apenas produtores e consumidores, entre construir apenas mercados ou formar comunidades, escolher a competição ou a solidariedade, decidir entre valores apenas monetários ou acima de tudo humanos.
2. ter um espaço para protestar, refletir, analisar mas, principalmente para apresentar propostas e dar visibilidade a práticas que priorizam o desenvolvimento humano.
- 3- oferecer um espaço de encontro para que, pessoas e entidades que têm uma visão de mundo parecida, possam se articular para promover principalmente ações concretas.

Acreditava, e continuo a acreditar, que a enorme concentração de renda, riquezas e poder no mundo se deve ao fato de que a maioria das pessoas que não têm os mais elementares direitos humanos assegurados, que representam a maioria da população mundial, não reagem porque são convencidas que não há alternativas para esta situação e não conseguem se juntar para adquirir uma força transformadora.

Em fevereiro de 2001 a idéia do Fórum social Mundial se tornou uma realidade. De lá para cá , o processo Fórum Social mundial ganhou uma dinâmica impressionante. Além dos 3 encontros anuais de Porto Alegre, tivemos centenas de outros fóruns (continentais, nacionais e locais). A visão de um "outro mundo possível" ou "outros mundos possíveis"

contagiou milhares de organizações sociais, milhões de pessoas e se espalhou pelo mundo. Uma grande rede de solidariedade foi se espalhando pelos 5 continentes. A resistência às guerras aumenta diariamente e cada vez mais pessoas percebem que a adoração pelo tal livre mercado (que na realidade nunca existiu) apenas serve para que os mais fortes, exerçam uma dominação maior sobre os mais fracos.

O rápido sucesso do Fórum Social Mundial aliado a vários fracassos dos que seguiram o receituário do Fórum Econômico Mundial (Carlos Menem era recebido com tapete vermelho em Davos) e as guerras e o terrorismo (faces da mesma moeda) se espalhando pelo mundo tornam, o cenário atual bem diferente daquele do início de 2000.

Aquela idéia dominante do consenso de Washington que "chegou o fim da História" foi desacreditada. Sabemos hoje que um outro mundo é desejável, é possível e urgentemente necessário. Um mundo de paz, justiça social e desenvolvimento sustentável.

Em 2004, de 16 a 21 de janeiro, o Fórum Social Mundial se realizará em Mumbai na Índia para em 2005 voltar a Porto Alegre. Sair do Brasil e voltar a Porto Alegre a cada 2 anos foi uma decisão sábia e corajosa (ajuda a mundializar o Fórum, engajando no seu processo pessoas e organizações que de outra maneira teriam dificuldades de participar, sem perder a sua identidade com Porto Alegre).

Às vésperas deste encontro penso que estamos diante de um novo e urgente desafio : apontar caminhos, traçar estratégias e principalmente empreender ações que nos levem a este novo mundo possível. Como fazer (tomando alguns casos como exemplos) para que a ONU se democratize? Para que se eliminem os paraísos fiscais? Para que se instaure a Taxa Tobin? Para implementar orçamentos participativos em todos os níveis? Para que a fome acabe? Para que as guerras sejam evitadas? Para que os países pobres e em desenvolvimento sejam aliviados de suas dívidas e possam eliminar a pobreza? Para que as mulheres tenham seus direitos respeitados? Para que haja uma ampla redistribuição de renda, riquezas e poder? Para evitar o desastre ambiental que ameaça a vida no planeta Não podemos esquecer que a Carta de Princípios do Fórum Social Mundial delimita o campo de ação ao condenar acertadamente a violência e o autoritarismo como métodos de ação política. Ao termos clareza deste desafio, algumas polêmicas, como por exemplo a relação

do Fórum Social Mundial com os partidos políticos, acabam perdendo sentido. A ação política não é um fim em si mesmo, mas um meio de atingir um determinado objetivo. Por exemplo se o Outro Mundo Possível passa por mudanças de legislação e fixação de leis, é obvio que uma grande pressão (que inclusive inclui alianças pontuais) deve ser exercida permanentemente sobre partidos políticos e parlamentos.

O secretário geral da ONU acaba de instalar um processo para reformar a ONU até setembro de 2004. Quais são as ações que a sociedade civil deve empreender para que esta reforma conduza a uma ONU democrática, capaz de evitar as guerras e promover o desenvolvimento humano em todo o mundo? Devemos, para cada objetivo, traçar um caminho que nos leve a alcançar aquela meta. Detectar qual é o espaço, quais são as pessoas e organizações que decidem cada assunto (tentando inclusive se fazer representar neste espaço), quais são as maneiras de influenciar os tomadores das decisões, elaborar propostas, promover campanhas mobilizando eleitores e consumidores para exercer pressões, eventualmente traçar estratégias para criar novos espaços e novas estruturas de decisão, usar criativamente a comunicação.

O Fórum Social Mundial não é uma organização de representação nem de direção. Todas as ações são empreendidas por grupos de pessoas e entidades que livre e independentemente assim decidem. Ele foi criado para estimular um processo. Porém o seu sucesso e sua continuidade dependerão fundamentalmente do resultado concreto na vida das pessoas que este processo provocará.

O crescimento do Fórum Social Mundial aumenta a sua responsabilidade. Este espaço da sociedade civil não pode ser visto apenas como um espaço de protestos, análises, diagnósticos e debates. Estes são muito importantes e necessários mas absolutamente insuficientes diante da expectativa crescente por resultados concretos. O sucesso do Fórum social Mundial dependerá, cada vez mais, de sua capacidade de mudar o mundo.

Oded Grajew – ex-assessor especial do Presidente da República, idealizador do Fórum Social Mundial e diretor-presidente do Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social.

